

AVALIAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO: IMPORTANTE, PORÉM NECESSITANDO URGENTES REDIRECIONAMENTOS

POR MAURÍCIO BARRETO*

O Sistema de Pós-graduação Brasileiro (PG), centrado nas universidades públicas (Federais e Estaduais) é um caso de indubitável sucesso. Entretanto, celebrar este sucesso não implica em deixar de lado revisões críticas do processo em que a PG se desenvolveu, para desta forma também entender os limites deste crescimento, suas falhas e, em especial, suas perspectivas futuras como parte de um sistema maior - o sistema de Ciência, Tecnologia e Inovação (C&T&I) do país.

A origem da PG está associada ao período da ditadura militar. O governo militar, apesar de seu claro desprezo pelas universidades públicas, assentiu em estimular o crescimento da PG como forma de dar sustentabilidade ao projeto de desenvolvimento da C&T no país. Desta forma, a PG foi construída como um apêndice das universidades. Outro fato interessante é o surgimento de um sistema de avaliação, centrado na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), e que seria responsável por estimular o crescimento e preservação da qualidade deste nascente sistema de PG.

A PG intensifica o seu crescimento na década de 1970 e o sistema de avaliação tem seu início da década de 1980, período em que a atividade científica brasileira era ainda extremamente limitada. O país contava com um número limitado de grupos de pesquisa, o número de doutores atuando era pequeno e o total de artigos publicados e indexados reduziam-se em algumas centenas. Todo o sistema era dependente da formação de doutores no exterior.



Nos últimos 30 anos, o sistema de PG tem sido responsável pela formação de muitos milhares de doutores, que agora povoam as Universidades e Centros de Pesquisa por todas as regiões brasileiras. Elemento raro no início do período, os doutores tornam-se dominantes entre os quadros das instituições acadêmicas. Em paralelo, a produção científica multiplica-se por vários milhares e o Brasil, antes apenas como um traço na produção científica internacional, salta para o 13º lugar, ficando ao lado de países desenvolvidos e com sistemas científicos consolidados.

Um dos objetivos principais de qualquer avaliação é o de permitir a reflexão e auxiliar na identificação de mudanças futuras do sistema que avalia. Assim, o papel do sistema de avaliação da PG em seus primórdios foi o de direcionar ações para alavancar este sistema nascente e teve grande sucesso nesta função. Porém, no momento atual, em que já temos um sistema de PG consolidado e cujo problema central não é mais a quantidade, mas sim a qualidade deste sistema, podemos verificar que as mudanças ocorridas no sistema de avaliação desde o seu início até o momento atual, não corresponderam às intensas mudanças ocorridas na PG no mesmo período.

Qualquer sistema de avaliação tende a definir as expectativas do objeto que ele avalia. O avaliado busca cada vez mais adequar-se aos critérios definidos pelo avaliador. Desta forma, um sistema de avaliação mantido

UM SISTEMA DE AVALIAÇÃO MANTIDO CONSTANTE NO LONGO PRAZO TEM INFLUÊNCIA CONSERVADORA SOBRE O SISTEMA AVALIADO

constante no longo prazo tem influência conservadora sobre o sistema avaliado. Se entendermos que o nosso sistema de PG precisa evoluir rapidamente, passando de um sistema em que o objetivo era o crescimento para um sistema em que se busca refinar a qualidade, podemos concluir que o sistema de avaliação não vem sofrendo as mudanças necessárias para tornar-se um catalisador deste novo momento.

Tomemos uma das áreas centrais da avaliação da PG, qual seja, a avaliação da produção científica. A avaliação da produção científica tem sido historicamente centrada em indicadores bibliométricos, sejam eles indicadores da produção ou indicadores de citação. Enquanto estes indicadores sejam importantes para mensurar aspectos relevantes da produção científica, incluindo o desempenho de pesquisadores e grupos de pesquisa, tem-se também mostrado que eles são pouco adequados para mensurar os efeitos que a atividade científica tem ou poderão vir a ter sobre a sociedade.

Assim, mudanças na forma de avaliar a produção científica poderia se constituir em

um eixo de mudança da avaliação da PG e em uma contribuição importante para a busca de sentido e utilidade do conhecimento produzido pela comunidade científica. Internacionalmente, várias iniciativas de avaliação científica têm colocado a insuficiência dos indicadores bibliométricos e propugnado pela busca de novas métricas e outras estratégias que tragam informações sobre os efeitos ocorridos sobre a sociedade. Deve-se enfatizar que estas novas estratégias têm sido escassamente utilizadas e que o seu desenvolvimento e amadurecimento não é uma tarefa das mais simples, dada a complexidade dos efeitos potenciais da atividade científica. Entre outras dificuldades é preciso considerar que as disciplinas científicas são bastante diferentes entre si, em especial no que diz respeito aos seus efeitos. Por exemplo, se tomarmos o caso da Saúde Coletiva vemos que existem imensas diferenças sobre os potenciais efeitos resultantes das suas subdisciplinas – Epidemiologia, Política e Planejamento e Ciências Sociais em Saúde. No tocante a avaliação, o desafio de comparar campos científicos que geram efeitos diferentes, transforma-se em problema de não simples equacionamento.

Elaborar novos modelos de avaliação que tomem em conta o impacto da atividade científica sobre a sociedade é parte de um empreendimento que muitos reconhecem como necessário, porém que está ainda nos seus primórdios e que exigirá esforços de concepção e desenvolvimento. Porém, antes de tudo, faz-se necessário que os sistemas de avaliação assumam que este esforço é necessário. E o que nos parece é que esta vontade ainda não emergiu, de forma consistente, no nosso sistema de avaliação da PG.

**Maurício Lima Barreto é professor do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia*